

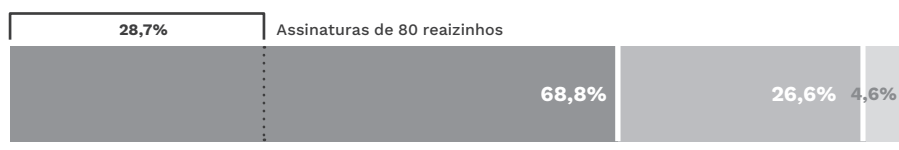
Abril
de 2026
número 8
ano 16

ISSN 2525-2704
Periódico literário
independente feito
em Curitiba-PR
desde setembro
de 2010

RelevO

DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS ● R\$ 7.460

R\$ 10 João Guilherme da Costa Miyagima; **R\$ 50** Adriana Vieira Lomar; **R\$ 70** Rique Ferrari; **R\$ 80** Corina Lovozan; Fernanda Dante; Leandro Cavassin Neto; Pedro Horvatic; Karina Ripoli; Antonio Maranganha; Carolyn Lehmann do Valle; Talita Almeida; Sérgio Rodrigues; Toni Correa; Pedro Martins Franco Junior; Baga Defente; Tiago Moura Marconi; Ana Luiza Almeida Dias; Alice Paul Leitão; Bruna Lauer; Leila Bortolazzi; Caio Cesar Almeida; Fernanda Gazola da Silva; Elisama Oliveira Campos De Araújo; Rogério Scarione; Fernando Borges; Ana Pedrazani; Bianca Santos de Albuquerque; Emerson Castro; Juliano Aparecido dos Santos; Quinho Castro; Adriano Monte Alegre; Stephanie Potier; Fernando Maatz; Germano Silva Dutra; Camila Sirtol Parreira; Anna Luiza Gotlieb; Ana Kuranishi; José; Luiz Henrique Kultzak; Maria Helena Barreto Luiz; Andrea Vila-Lobos Gomes; Thais Marcondes. **R\$ 100** Betina Dal Molin Juglair; Magno Van Erven; Luiz Witiuk; **R\$ 120** Lara Berbel; Linda Flegler; Luiz Sassi; Carlos Henrique de Souza; Ana Carolina Fogaça de Paula; Adolpho Campos Coelho; Auryo Rocha; Anellise Moreira Ramos; Charlene Pereira; Roberta Aguiar Cerri; **R\$ 160** Lyncon Busatta; Renan Machado; Lucas Tsuruda Amaral; Josiane Bibas; Estela Basso; Goura Nataraj; **R\$ 200** Victor Cruzeiro; Rômulo Cardoso; **R\$ 240** Marcos Monteiro; Thomaz Ramalho; **R\$ 250** Pérciles Souza; **R\$ 300** Rinaldo Batista Pereira; **R\$ 320** Lucas Leite;

ANUNCIANTES ● R\$ 2.880

R\$ 600 Silas Corrêa Leite; Pension Poetters; **R\$ 450** Ramita Café; Maniacs; **R\$ 200** Editora Litteralux; **R\$ 140** Dito & Escritos; Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 50** O Alienígena da Amazônia; Rede Macuco.

CONSULTORIAS ● R\$ 500

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMI. E VARIÁVEIS ●

Correios R\$ 3.694
Transporte R\$ 600

Papelaria R\$ 150
Domínio mensal R\$ 50

CUSTOS FIXOS ●

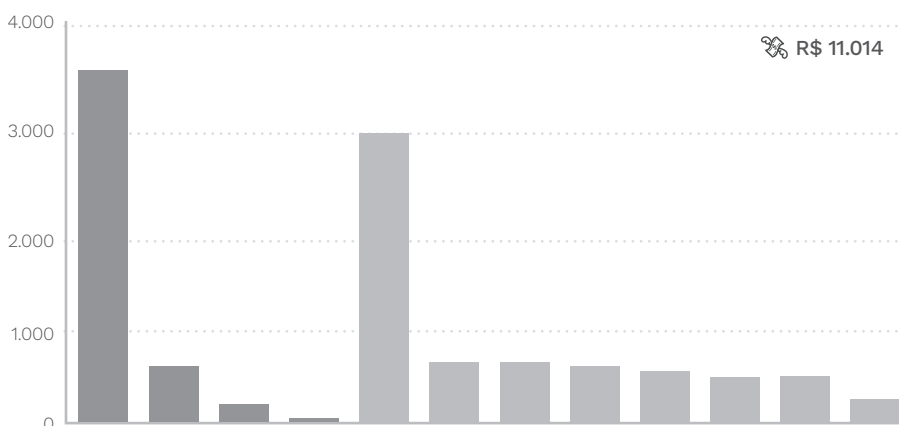
Gráfica R\$ 3.000
Editor-assistente R\$ 450

Mídias sociais R\$ 650
Serviços gráficos R\$ 450
Colaboradores de março R\$ 540
Escritório R\$ 580

Serviços editoriais R\$ 250

Serviços logísticos R\$ 600

Editor-executivo R\$ 0



PENSE EM UM NÚMERO. SOME 4. DIVIDA POR 3. MULTIPLIQUE POR 2, ETC

- Entradas totais: R\$ 10.840
- Saídas totais: R\$ 11.014
- Resultado operacional: -R\$ 174



EXPEDIENTE

Abril 2026



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Às vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Karina Ripoli p.6 Flávia Iriarte p.10
Ambrose Pierce (Tradução de Demian Gonçalves Silva) p.16 Brenno Costa p.17 Daniela Rezende p.18 Otto Winck p.19 Antonio Maranganha p.21 Rafael Covre contracapa

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 27 de março de 2026.

DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Fabio Rocha. Você pode conhecer mais do trabalho dele em [instagram.com/fabr.r](https://www.instagram.com/fabr.r). Os quadrinhos são de MoFo: [instagram.com/mofoart](https://www.instagram.com/mofoart).

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Sirenia, criada tipógrafo alemão Felix Braden.

ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



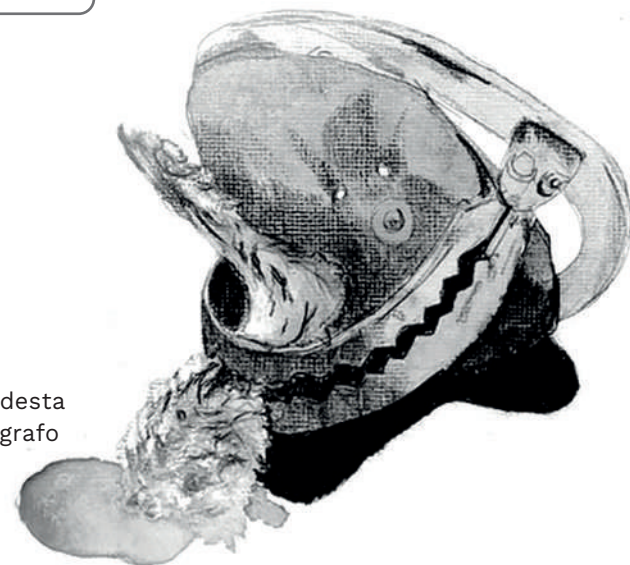
e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

QUESTÃO DE GRANDE RELEVÂNCIA

João Gabriel Oliveira • Posso namorar com a versão IA de trabalhadores do expediente do **Relevo**? Sou apaixonado pelo Bolívar faz mais de uma década. Se sim, favor gerar imagem fotorrealista do nosso divórcio. Eu fumo um cigarro na janela, a mão apoiada no rosto, enquanto ele se senta na beira da cama, encarando a aliança. Nossos olhares não são de decepção, mas de cansaço. Mesmo tristes, sabemos que vamos ser mais felizes daqui pra frente.

A SAGA DOS CORREIOS

Gabriel Rocha • Jornal, queria trazer uma atualização sobre como foram as entregas nos últimos meses, considerando o caos experimentado entre janeiro e dezembro, com entregas atrasadas, acúmulo de edições e intenso fluxo de e-mails. Decidi aceitar meu fardo e, sabendo que o correio tarda, mas, a princípio!, não falha, eu não reclamaria de atrasos. Semana passada, recebi a edição de março. Belíssima, com a divertida “Gênesis do frango” e a tirinha de Douglas Lambert, que particularmente me emocionou, momento em que vivo de grave doença do meu pai, que me faz pensar no meu avô todos os dias. Mas fiquei chateado mesmo, pois me vi descontextualizado sobre as reclamações de um leitor sobre os répteis. Exatamente agora, momento em que escrevo, meus problemas acabaram! A edição de fevereiro chegou, dia 16 de março. Vai ver que ler o **Relevo** também é um exercício de refração temporal. Vou ter que ir a fevereiro, pra viver março outra vez.

Yvonne Miller • Oi, Jornal, desculpa a demora em responder. Infelizmente, neste momento não posso renovar a assinatura. Ou poder até poderia, mas não faria sentido porque os Correios não estão entregando nada aqui desde o início do ano. Então, quando chega uma encomenda, tenho que ir retirar na agência, que fica longe do meu bairro (moro na área rural) e só abre de manhã. Sei que parece uma desculpa puxada pelos cabelos, mas é a pura verdade, haha. Escrevi até uma crônica sobre isso chamada “Por favor, não me mandem cartas!”. Quando contratarem um carteiro novo e voltarem a entregar no meu bairro, renovo a assinatura, pode deixar.

Carlos Pronzato • Sensacional o Jornal. Cada vez que passo em Curitiba, pego vários na Livraria Vertov. Parabéns!

Rubervam Du Nascimento • Acabo de ler o Jornal recebido hoje pela manhã, edição de março de 2026. Posso não estar certo, mas desconfio que há em Curitiba um jornal impresso que, para mim, tem mensalmente leitura obrigatória. Tirando alguns comerciais de livros de autores que nunca ouvi falar, nem li nada deles, que ocupam, por vezes, páginas inteiras (penso que funcionam como ajuda de grana que o Jornal precisa, afinal vivemos numa sociedade capitalistas, onde tudo está pelo olho da cara, as demais páginas merecem ser lidas de cabo a rabo). Destaco a chacoalhada na bússola geracional da literatura, no País, da Priscila Branco, o Editorial certo, “Contra os catalisadores de consensos”, uma porrada seca na cabeça daqueles que colaboram com sua ignorância para a confusão estúpida desses dias. Um pouco da “Biografia”, do poema do Lucas Grosso. Alguns versos nos obrigam a parar o fôlego para a releitura. Isto é bom para a poesia.

Também as ilustrações do Luiz Rodolfo Annes, realmente finíssimas, em todos os sentidos. O lance dos quadrinhos do Douglas Lambert, além de grudar nossas mãos no papel, fazem nosso olho pensar. “Viva a Introjeção” é um texto que penetra devagarinho na gente que chega a doer. Um mergulho na objetividade do pensar que nos transporta para meditar nas coisas que nos atiram nas contradições diárias, venham de onde vier, serão sempre contraditórias, inclusive da tão (mal)falada “liberdade de pensamento”. Que diabo mesmo é tudo isso? Tchau! Fico no aguardo do próximo número. Abraço enorme do Rubervam Du Nascimento, diretamente de Santo André-SP.

RECADINHO PRA OMBUDSMAN

Sra. Minerva • Querido Jornal. Tudo bem? Fiquei feliz ao ver que o saldo de fevereiro ficou positivo. Assino o **Relevo** já tem um tempo e é a primeira vez que isso acontece. A outra coisa é que eu gostaria de explicar para a Priscila Branco que, em seu texto de janeiro, citou meu conto “Sossego da vovó” e quase reclamou do uso do pseudônimo. Diga a ela que sou psicanalista e que perderia pacientes se soubessem da “boca suja” dos meus narradores, por isso uso a Sra. Minerva, porque também sou nervosinha e tudo “me enerva”. Depois pergunte a ela se gostou do trocadilho (apesar de ser muito ruim). Abraços da Sra. Minerva.

Célio Borba • Pra quem quer saber um pouco sobre psicanálise, recomendo o livro de Fábio Hermann, *O que é Psicanálise?* Excelente leitura didática e esclarecedora. Livro prático e dinâmico com 116 páginas de muito conhecimento. Disponível para empréstimos na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba.

Rinaldo Batista Pereira • Bom dia, pessoal deste Jornal de aço, resistente, indestrutível. Só agora em março recebi as três edições deste novo ano de 2026. E, quando abro o exemplar de janeiro, na parte das Cartas, que é a segunda que vejo, porque a primeira é sempre a prestação de contas, e vibro quando está no azul, dou de cara com o meu nome inteirinho. Foi publicada uma carta que enviei contando minha saga com o gato Pompom. E publicada, ainda, a poesia baseada nesse evento. Mas, agora que me liguei. Ele não estava me atrapalhando na leitura do Jornal, ele estava energizando o periódico, como fazem todos os gatos. É, os felinos curam. Se depender do Pompom e de mim, esse Jornal é infinito. Valuzarrão. Desculpe se fui grosseiro. Olha, caraca, dar de cara com meu nome inteiro na edição de Janeiro, com a mensagem que mandei, e ainda com o poema, me deixou assaz emocionado. E ainda teve minha doação/assinatura anotada, o que ajudou a azular o resultado do mês de março. De verdade, adoro vocês. Aliás, estou confuso: sou oficialmente assinante? Congratulações pela permanência de sua existência. Não deve ser nada fácil, a ver pelo descrito. Mas, se depender de mim, permanecerão. Merda!

Nayara Francesco • Boa tarde! Não sei nem com quais letras me visto para enviar essa carta por e-mail. No papel, começaria com local, dia, mês e ano e um “Prezado Jornal **Relevo**”... Pois então.

Prezado Jornal **Relevo**,
Quero dizer nesse correio entregante que há um tempo, que posso me lembrar ser pouco, mas sem precisão, acompanho o Jornal Literário

de vocês. Minhas intenções são profissionais e leais, nada de lero-lero ou cantadas baratas para depois pular para o próximo como se fosse um veículo qualquer. Podem sim esperar, com toda sinceridade que esse periódico requer, o envio de meus textos no correio eletrônico de vocês. Nesse acompanhar, nas olhadas de canto de olho, nos ouvidos em pé para saber quem és, me apaixonei quando me respondeu a mensagem que mandei em sua rede social. A organização dos textos, o humor ácido e carregado de sincericídio, arrancam de mim gargalhadas com tamanha identificação. Mas a beleza do impresso, esse me roubou mesmo o coração. Sem elogios vazios, muito menos puxa-saquismo asqueroso, posso dizer que o jornal impresso de vocês está para um disco de vinil assim como o texto está para a música aos olhos. Espero, nesse correio, ter sido elegante, nem um pouco piegas e ter conquistado ao menos a amizade dos primeiros leitores: aqueles que mantêm a capa da espécie de elefante com chifres para baixo – não quero dizer mamute e errar na biologia – fora de extinção. De sua mais nova admiradora, Nayara.

Wesley Loose • Escrevo para informar que o **Relevo** de fevereiro chegou aqui em RO (RO de Rondônia, não Roraima, por favor) na sexta-feira, 13. Sorte a minha, vou poder ler no fim de semana. De cara, gostei do trecho de “Dias de Luta” na contracapa. Valeu!

Livraria Mantiqueira • Olá! Tudo bem, pessoal? Antes de tudo, parabéns pelo jornal. Disponibilizamos para os clientes na livraria e é sucesso. Sempre reservamos um exemplar para consulta/leitura para evitar que acabe logo... Agora estamos com uma segunda unidade, em São José dos Campos-SP. Livraria de rua em uma cidade de médio porte. Será ótimo espalhar o **Relevo** também por aqui.

UMA CARTINHA

Fernando Maria,
Vai esse belo treco pra ti. Um jornal. Em papel-jornal!
Maria,
Esse jornal me constrange pelo que ele tem de teimosia e inutilidade.
Tipo pérola com grão de areia do mal. Mas sem valor comercial.
E tem ironia de ser da xota-mãe Curitiba.
Maria,
A gente existe até hoje desde décadas atrás (blogues e surfe-navegação na rede).
E converso mentalmente contigo ao longo dos últimos anos.
Porque, se a gente existe, é porque você ainda é minha, apesar de todos tempos e lapsos e acontecimentos que nunca serão meus.
A vida mental é um prazer, né?
Maria,
Continuo ansioso por conta de sua cartinha. Quero relato de tudo: com ênfase pra essa filha que lê nas suas costas (e que usa óculos. Coisa que, daqui, é bem encantador.)
Maria,
Usufrua.
P.s.: E mande a merda da cartinha logo!

Zé Carlos • Recebi em fevereiro o exemplar de janeiro com bons textos para as colagens de

Bobby Baq e vice-versa. Continuo torcendo para o Jornal desenvolver a habilidade de reduzir o preço do café. Já dos rumos da humanidade, deixa pra lá, que ela está sem rumo há 2,8 milhões de anos, quando os primeiros homos saíram pra comprar cigarro e nunca mais pararam de se perder.

Rene Licht • Há esperança! Recebi, ontem, 12 de março, o meu exemplar do mês. Geralmente, recebo o Jornal nos últimos dias do mês ou no início do mês seguinte.

Carvalho da Silva • Li o jornal impresso pela primeira vez, aqui em Campo Grande-MS, no Ramita Cafés. Que belíssimo trabalho! Parabéns!

Sebo GrimmHaus • Nem tudo precisa ser digital pra continuar relevante. Na GrimmHaus, você também encontra o **Relevo**, um projeto independente que mantém viva a força do impresso, da leitura com calma e das ideias que circulam de mão em mão. Um respiro no meio da pressa. Passe por aqui, pegue o seu exemplar e apoie o independente.

Binário Café • Aqui, em Solânea, você tem acesso ao **Relevo**. Uma publicação mensal de conteúdo diverso e excepcional escrita. A leitura de jornal impresso em nossa cafeteria é mais um diferencial do nosso serviço no brejo paraibano. Vamos à leitura!

Juliana Vilela • Quando desenhei um elefante anos atrás, na pandemia, com uma caneta esferográfica preta e um pouco de tinta, jamais imaginaria que seria impresso na capa de um jornal que gosto muito, o **Relevo**. Peguei meu primeiro exemplar do Jornal na universidade. Tornei a encontrá-lo em pontos muito interessantes da cidade: na biblioteca pública, cafeterias, bares e livrarias. Como se o Jornal sempre descobrisse antes os melhores lugares: é sinal de sorte encontrar um **Relevo** por aí. Todas as ilustrações da edição de fevereiro de 2026 são de minha autoria. Obrigada ao **Relevo** pelo trabalho lindo.

Thalita Neres • Que trabalho lindo do Luiz Rodolfo Annes na edição de março.

Greyce Helen • Adorei o que escreveram sobre o didatismo da suposta literatura atual na edição anterior, boa pontuação.

AINDA FALTAM 4

Bruno Greggio • O **Relevo** é uma publicação que acaba de completar 20 anos de existência marcada pela coragem de publicar textos de autores novos em formato impresso e digital. Assine o jornal e ajude mais inconformados a publicarem! É baratinho! No site deles você encontra o link para a assinatura. Vai lá!

Livraria Coruja Buraqueira • Jornal **Relevo**: impresso em tinta preta sobre papel jornal de excelente qualidade, assim como seu teor! Eles fazem sua guerrilha desde 2010, flamulando páginas de papel cinzento e com mãos manchadas de tinta espalhando a permanência destes exemplares. ¡Gracias por todo amor dedicado! Nós aqui, da Coruja, não cabemos na alegria e no privilégio de somar esforços em prol do que acreditamos!


MAIS CARTAS
EDITORIAL
ASSINATURA EM DIA, PORRADA EM FALTA

Reinaldo Junior • Assim como os incas e os maias, assinei um jornal de papel! Mas não é qualquer jornal, não sou otário (talvez um pouco). Conheci o **RelevO** lá trás, nos tempos do Café com Livros, lembra dela, lá em Sarandi? Até hoje, não sei como o Jornal chegou lá, mas sei que DO NADA chegou um malote com exemplares para distribuir gratuitamente. Bando de malucos! O **RelevO** é dez e faixa, confia! O único jornal do Brasil, quicá do mundo, com prestação de contas. Há uns dez anos, eles operam no negativo. Se organizarmos bem, cabe um protesto na frente da sede do Jornal: cadê o dinheiro das assinaturas? \$alafrários! \$evandijas! A farra acabou! Assinatura em dia, porrada em falta! Curiosamente, minha edição do mês chegou no último dia de fevereiro, mostrando que o Jornal segue firme e os Correios seguem atrasando muito. Outra curiosidade é que abri o Jornal enquanto assistia ao Redação SporTV, que outrora mostrava capas e manchetes de periódicos esportivos. Na parte da tarde, estava lendo o **RelevO** e pulando as propagandas do YouTube. Ou assinava o impresso ou a versão premium da plataforma. Os dois não dá! Quando falo que estou me formando em Jornalismo, sempre me perguntam: quer trabalhar na televisão? Eu sempre travo, mesmo sabendo que essa pergunta vai vir. Sempre respondo que não! Sempre me olham com cara de maluco: está fazendo essa joça por qual motivo então? Não falam, mas pensam! Se me perguntassem: quer trabalhar no **RelevO**? Eu provavelmente responderia que sim! Me olhariam com cara de maluco: está fazendo essa joça por qual motivo então? Não falaria, mas pensariam. Coisas da vida.

CONFUSÕES

André Horácio • Um pouco confusas as instruções para envio de material para vocês. Como anexar dois textos??? É para mandar duas vezes ou anexar duas vezes os textos e, nesse caso, como anexar duas vezes??? Outro assunto, não existe a modalidade (como opção) crônica, apesar de no texto vocês afirmarem que aceitam crônicas. E a bio como envio, outro anexo??? aguardo orientação.



Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami

“Duas coisas acabam com uma banda: não ter nenhum dinheiro ou ter muito dinheiro”

Sabemos: pedir dinheiro é uma desgração. Há quase 16 anos, a última semana do mês é um filme repetido na sede do **RelevO**, com o editor-também-responsável-pelo-financeiro espremendo planilhas e prospectando novos assinantes e anunciantes de modo mais insistente que o habitual. Acontece que, entre os dias 23 e 30, temos que pagar a Santíssima Trindade de um projeto cultural impresso: gráfica, Correios e aluguel.

De fato, ser contemporâneo de um jornal de papel e literatura é lidar com o fluxo instável da vida, já que nem sempre (ou quase nunca) a receita segue calendário fixo. Custos seguem independentemente de feriados, mas um ponto permanece em aberto: e o dia em que os recursos suficientes não aparecerem? O projeto **RelevO** continua dependendo de três pagamentos com data definida para permanecer em circulação. A operação não pausa. O impresso exige fechamento, produção e distribuição. E a pergunta subsequente não é nova, apenas costuma ser adiada: o que sustenta o projeto quando a entrada falha?

A série da Globoplay *Andar na Pedra – A História do Raimundos*, que, segundo a Globoplay, narra “A história da banda contada pelos próprios envolvidos, lembrando toda a carreira e escolhas pessoais ao longo de mais de 30 anos. Uma história de reconexão, vitória e aprendizado”, traz um interessante depoimento de um dos integrantes da equipe de produção: “duas coisas acabam com uma banda: não ter nenhum dinheiro ou ter muito dinheiro”.

Não precisamos nem dizer em qual categoria estamos da dicotomia, nem que aprendemos pouco em pouco mais de década e meia. Há tempos, o **RelevO** procura um investidor. Melhor, um mecenas, que entenda o modelo peculiar que aplicamos e aceite a lógica identitária do nosso impresso. Con-

fessamos que gostaríamos de passar pelo problema de ter de lidar com as *agruras* do dinheiro *excedente*. E o que nos impede de ter dinheiro, além da ausência de sobrenome de herdeiro, de ter um produto fora das lógicas lucrativas atuais, de não conhecer mecenas algum ou do nosso espírito um tanto turrão?

Ainda sobre confessionários, sabemos que temos um potencial repelente fortíssimo: não vendemos espaços editoriais em troca de favores ou recompensas – uma prática recorrente no meio –, não aceitamos ingerência no conteúdo que publicamos, não captamos o ouro de tolo das bets e jogamos o jogo das redes sociais ao nosso modo, o que significa, por exemplo, não impulsionar conteúdo para fomentar bilionários insuportáveis nem produzir conteúdos caça-cliques que aumentam engajamento. Também não sensualizamos. Digamos que não nos ajudamos.

Por outro lado, garantimos ao leitor uma experiência livre de amarras e que representa o nosso espírito dentro das circunstâncias em que estamos inseridos: fazemos um jornal do jeito que queremos, conscientes do papel que os veículos têm como propulsores de carreiras. Por isso, sempre ficamos felizes quando surgem novos periódicos e tristes quando acabam, porque chega a ser até ingênuo olhar tal dinâmica por um viés da concorrência.

Um impresso reúne um grupo de pessoas que movimentam ideias. Se essas ideias param de circular, as pessoas continuam com suas ideias, mas com uma tendência à dispersão ou em um lugar que *pode-vir-a-ser*. Entendemos que manter um impresso é um exercício contínuo. Não apenas de recursos, mas de tempo, de prioridades e de insistência. Existe uma rotina que não aparece para quem lê: fechar edição, negociar prazos e dívidas, lidar com fornecedores, distribuir exemplares, acompanhar

retornos. Tudo isso acontece enquanto a vida segue em paralelo.

Manter um impresso é também sustentar um espaço de encontro. Ainda que silencioso, ele conecta pessoas que talvez nunca se encontrem. Um texto publicado atravessa cidades, chega em mãos diferentes, provoca leituras distintas. Esse movimento, mesmo quando discreto, constrói alguma permanência. Por isso, quando um periódico deixa de existir, não se perde apenas um produto. Perde-se um ponto de contato, um lugar onde ideias encontravam forma e circulação. E quando ele permanece, mesmo com limitações, o que se sustenta não é só o papel impresso, e sim a possível continuidade de um pensamento coletivo apoiado por quem se incomoda com a tendência de as coisas simplesmente acabarem.

Na edição de março, a ombudsman Priscila Branco questionou a ausência de bios nos textos publicados pelo **RelevO**. De fato, por uma escolha editorial antiga, não publicamos bios, inclusive desestimulamos os autores a enviá-las. No nosso sistema de *blind review*, o Conselho Editorial lê os materiais enviados sem o conhecimento do nome à frente do texto. Nunca tivemos uma preocupação com representatividade geográfica por entender que o texto precisa se sustentar, a partir dos nossos critérios, independentemente da origem do autor. Sabemos que tal raciocínio tem seus pontos cegos, já que, por exemplo, consideramos gênero, tentando, assim, equiparar a publicação de homens e mulheres. A ombudsman retorna à discussão na coluna de abril enquanto debatemos internamente a questão.

Assim, entre apelos de auxílio em nossa subsistência e questões editoriais que podem modificar comportamentos repetidos e talvez cansados de nosso *modus operandi*, seguimos no tabuleiro: fechar mais uma edição, sustentar um gesto. Uma boa leitura a todos. 📖

Um pequeno tratado contra a morte do autor

Priscila Branco

Como quem não quer nada, fiz um breve apelo ao editorial deste Jornal na minha coluna do mês passado: sugeri a inclusão de minibiografia das pessoas publicadas no RelevO. Volto ao tema agora, pois ele merece ser tratado com mais seriedade. Apesar de parecer um mero detalhe, essa escolha pode gerar diferentes impactos a curto e longo prazo, e é sobre isso que vamos debater hoje neste ombudsmandato (foi pra isso que me colocaram aqui, não é mesmo? Prepara a defesa aí, editor!).

Incluir o estado de onde a pessoa é e/ou vive, sua idade e seu contato (vejam que não estou pedindo para narrarmos grandes trajetórias dos escritores, mas apenas o básico, para termos pontos de rastreio ou dados e estatísticas) pode contribuir para gerar arquivo para futuras pesquisas e para uma reflexão sobre como fazer uma curadoria mais diversa e plural.

Há alguns anos, enquanto estudava antologias organizadas por mulheres nos anos 1970 e 80, encontrei uma poeta chamada Alsina Alves de Lima. Como nunca havia ouvido falar dela e me encantei com os seus poemas publicados em *Palavra de mulher* (antologia organizada por Maria de Lourdes Hortas, em 1979), fiquei obcecada em rastrear o seu livro, que foi citado na pequena biografia da antologia. Por

meio dessa minibio, consegui adquirir outras coletâneas com alguns de seus poemas, uma organizada pelo Diretório Estadual de Estudantes do Rio Grande do Sul, estado de onde também era a autora. A partir daí, escrevi um artigo sobre Alsina. Se não fossem as informações compartilhadas nas biografias, jamais teria conseguido seguir as pistas da memória dessa escritora. Nunca encontrei o seu livro, mas tenho certeza de que ele está em algum lugar do Brasil, na biblioteca de alguém.

Esse é apenas o primeiro ponto, o de fornecer um arquivo circular, que lutará talvez por centenas de anos para sobreviver e preservar a memória de múltiplos escritores que passaram pelo jornal. A segunda razão é termos um mapa de diversidade regional dos autores publicados. Apesar de o RelevO ser um periódico sediado em Curitiba, no Paraná, ele não pretende ser uma publicação apenas dessa cidade. Ao contrário, já falamos aqui sobre a importância de a distribuição alcançar todas as regiões do Brasil, e como isso é incrível. Portanto, justamente quando observamos de forma explícita de onde vêm as pessoas que são publicadas, conseguimos avaliar numericamente se há desigualdades na curadoria e na quantidade de textos recebidos para serem analisados pelo

editorial. Se há, ainda, uma maioria de trabalhos advindos do Paraná ou do Sudeste, por exemplo, talvez seja a hora de buscar uma curadoria mais ativa. Nem me refiro a fazer necessariamente convites a escritores, mas a abrir chamadas voltadas para regiões ou estados específicos que são menos contemplados por múltiplas razões. Enfim, são muitas as táticas que podem ser usadas para mudar tal cenário, mas para isso precisamos de dados para análise, inclusive para que os próprios leitores possam perceber as desigualdades e ter a possibilidade de diálogo sobre os problemas observados com o Jornal.

Sei que Barthes falou muito sobre a morte do autor, e fomos severamente influenciados por isso. Mas a literatura não é algo que flutua no mundo, ao contrário: ela tem raízes profundas na terra, e cada poema, conto ou crônica é feito por corpos vivíssimos no momento da escrita. Há muitos elementos que devem ser levados em consideração quando decidimos publicar um texto num periódico literário que hoje ocupa um lugar fundamental de difusão da literatura em nosso país. Por isso, acredito que uma breve biografia de cada pessoa publicada neste periódico contribuiria muito para uma história literária mais democrática.



APOIADORES



bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León



Nostalgia

Sebo e Livraria

@nostalgiaeseboelivraria
Cacoal-RO

you have
a book of poetry?

we have
our readers

send an email to
contato@faziapoesia.com.br
and include your work in the channels of the portal Fazia Poesia



DITOS & ESCRITOS
leilamariaflesch.com

Are you in doubt about your
next holidays?



Editora
Litteralux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos
publicados desde 2012



Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMONINHOS
.COM.BR

@EDITORAMONINHOS



Do livro
Caminhos do Coração,
de Domingos Pellegrini,
edição Sesc Paraná:

QUADRINHA

*Parece que livre é
quem pensa que é
e mesmo vencido
dentro está sempre em pé*

ESPINHA

*parec e
qu e
livr e
é
qu e m
p e nsa
qu e
é
e
m e smo
v e ncido
d e ntro
e stá
s e m p r e
e m
p é*

**PEDIDOS: 43 9 9122 0463
(R\$ 60 com frete)**

O vampiro do Grindr

DIA 1

Tem cheiro de mijo, suor, bÍlis e sêmen. A porta escancarada por vontade própria, é quase cabalístico o apelo que te invoca, vem, você vai e projeta o seu corpo para dentro dos outros. De pronto, a febre, quantos graus nesse inferninho? Sexta-feira, fatalidade, trinta e oito a quarenta pulsando nas veias, eis a vida que te acomete como a fome aos vira-latas. Eis os torsos frenéticos dançando ao redor, os olhos que analisam diferentes tons de mamilos descamisados, lisos e ursos, as tatuagens dando a volta em antebraços, eis o uivo feito bala perdida no *dark room*, o desejo que perfura o ar e te dói nos dentes. Você para e admira seu domínio. O mundo novo e extraordinário em que seu ex te pariu de volta ao primeiro cabelo grisalho brotado no peito, depois de adotar um pivete uns dez anos mais jovem, que agora dorme na mesma cama em que você dormia, assiste Netflix no seu lado do sofá e, sem dúvida, fode com mais afinco, sorri com maior leveza. Assim é seu mundo e tudo o que nele te pertence está englobado nesta cabine imunda de banheiro de casa noturna. Aqui você agarra o telefone no bolso da calça, esfrega o indicador no pozinho branco para passar na gengiva e percebe a criatura te encarando diretamente da telinha brilhosa, a 2.6 km de distância.

Tem local?

Embaixo da sua foto sorridente (sungta branca no vestiário da academia), o emoji de uma casinha com telhado vermelho, típica de filmes americanos, indica que sim, você tem local. É simples navegar pela simbologia dos rituais modernos de acasalamento. O rosto que te olha vem acompanhado por uma berinjela sugestiva, uma carinha com óculos de sol e chapéu, um foguinho, e por último, o único que você não entende, uma gotinha vermelho-cereja. O uber demora tanto que sobra tempo para mais um teco, você entra no carro equilibrando a long neck com ares de foca circense, o ovo precário na ponta do nariz.

Tô chegando.

Três batidinhas na porta, ainda bem, a campainha uma hora dessas acordaria o prédio inteiro e Dona Lurdes sente tesão em reclamar dos vizinhos, só pode. Nas fotos do aplicativo, as bochechas estavam mais coradas, e os olhos, você não tem

certeza, mas jurava que eram castanhos, será? Que seja. No escuro, depois de quatro negronis, todo mundo fica meio alma-penada, normal, cuidado só pra ele não te achar indiscreto, os dois parados se medindo neste breu de corredor, descrava os olhos do homem e fala logo alguma coisa. Entra, não repara a bagunça. Ele não se apresenta, mas aceita uma cerveja e recusa o pó, então você faz uma linha sozinho no duralex marrom e nem vê a sombra se aproximando por trás enquanto limpa o nariz no espelho. De perto, a atração faz mais sentido, sua visão afinada à meia-luz descobre algo de abismo no estranho que roubou o ar da sala.

Ele começa no pescoço.

Passeia uma língua gelada pelo seu corpo.

Arranca no dente a correntinha de São Judas Tadeu. E você deixa.

DIA 2

Manhã seguinte e nem sinal do bofe além do desarranjo nos lençóis e da cerveja largada inteirinha em cima da mesa, foi aceitar pra quê? Uma onda de enxaqueca te atropela a cada passo e você teima em não morrer. Ressaca ou essa gripe louca que está dando por aí. Recém-saído do chuveiro, você se assusta com o chupão monstruoso escurecendo uma boa extensão do pescoço. Vermelho e roxo com cercanias esverdeadas. Feio a ponto de parecer mentira, um horror calculado, ferida de groselha para o Dia das Bruxas, dessas que exigem retoques periódicos durante a noite sob o risco de desaparecer e revelar ao mundo sua ultrajante vitalidade. Gola longa e uma Novalgina urgente pra essa dor filhadaputa. Você fecha as janelas, destranca a porta. Sai pro trabalho escorrendo suor.

DIA 7

Tem cheiro de éter, água sanitária, Veja laranja e desespero. Uma travesti ruiva senta no banco da frente e aponta o salto para as suas pernas inquietas. Ansioso? Essas esperas mexem com a cabeça da gente. Atrás dela, um pôster de arco-íris com um modelo que possivelmente nunca ouviu falar na morte orienta: PROTEJA-SE, A VIDA É O MAIOR TESOURO. Você não sabe se concorda. Seu único reflexo é encolher os ombros, disfarçando suas feridas para a companheira de aflição, que levanta



Karina Ripoli

Conto integrante de *A vida secreta da minha bisavó* (Caos & Letras, 2026).

corajosa quando um médico grisalho espeta a cara no corredor e grita VERÔNICA. Ela ajeita as tralhas numa bolsa gigantesca e entra na salinha ao encontro de um destino incerto.

Você não pode estar doente. Quarenta anos te separam dos anos 80, do temeroso câncer gay, esse apelido escroto que os enrustidos inventaram para o vírus na esperança de restarem imaculados. Naquela época você nem era nascido, você era o quê? Uma ideia, uma promessa, nada. *Lembra-te de que és pó e a ele retornarás*. Todo mundo morre um dia, lembra-te, até quem você ama, até o otário do seu ex, o vira-lata caramelo que você nunca adotou, a sua mãe, porra. A sua mãe. No entanto, os garotos mortos te assombam. Anjinhos decompostos há tanto tempo, longe de casa, expatriados, emagrecendo num hospital público, cadavéricos erguendo com leveza o véu que separa os planos. E os olhos, quem presta atenção em imagens antigas consegue perceber os olhos, vislumbrando já os vultos de outro mundo.

Você sai da clínica com dois frascos de comprimidos no bolso e a promessa de que o resultado dos exames chegará em uma semana. O sol arde seus olhos com tamanha intensidade que dá vontade de chorar, você sente as úlceras pulsando nos braços, nas costas, o chupão no pescoço que a esse ponto é quase uma ferida aberta. Vira ligeiro a Sete de Setembro, desce as escadarias da passarela mais próxima e a sombra te abriga feito as tripas de uma mãe.

————— DIA 8

Dona Lurdes te olha tão torto que arrisca perder as pupilas por dentro das pálpebras, mas empresta as caixas de sapato mesmo assim.

————— DIA 11

Nenhum dos cremes veganos que você afanou de banheiros alheios alivia o inferno das pústulas.

————— DIA 14

A enfermeira da clínica deixa 13 chamadas perdidas no seu celular.

————— DIA 18

O porteiro te ajuda a vedar as janelas com as caixas rasgadas. E se oferece para chamar uma

ambulância quando você vomita toda a canja na gaveta.

————— DIA 22

Sua última refeição foi há quatro dias atrás. Você cospe um escarro de sangue na pia e lambe o rastro vermelho do ralo.

————— DIA 26

A água da torneira tem o sabor inconfundível de esgoto.

————— DIA 31

O celular reaparece na confusão dos lençóis. Atendo sua primeira ligação em mais ou menos um mês.

Eu te carrego, te escoro, te arrasto para o hospital. Tenho medo de pegar na sua mão e sentir a pele escorregadia descolando das carnes. A luz fosforescente empresta uma áurea sobrenatural às pessoas de branco que correm em nossa direção. E te agarram pelos ombros e te levam numa maca e milagrosamente não te despedaçam. Eu assisto através dessa parede de vidro enquanto eles te reviram e te conectam a máquinas para administrar choques de altíssimas voltagens. Eu assisto e percebo os seus olhos despregando do mundo onde existem os meus.

————— DIA 1

Aqui você agarra meu pulso. E eu deixo.

Cada pessoa envelhece de um jeito.

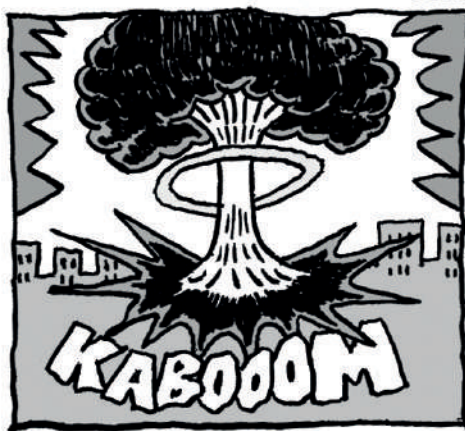
Nutrição no envelhecimento.

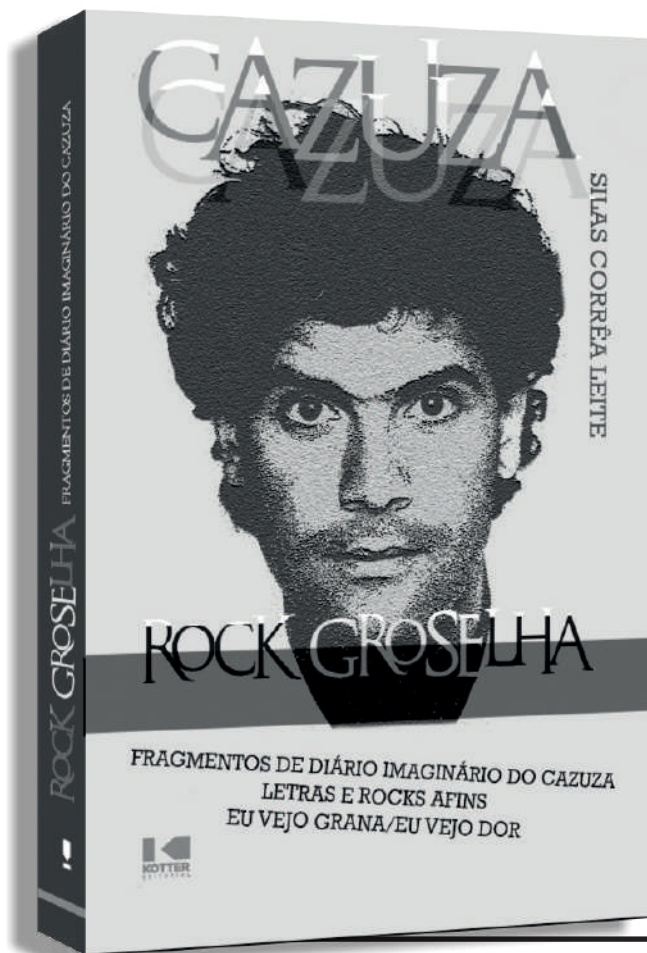
—————

Karla Baptista · Nutricionista
CRN-8 15569
www.nutridoioso.com.br
(41) 98402-3822



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC





ROCK GROSELHA

Fragmentos de Diário Imaginário do CAZUZA

Kotter Editorial, 2026 (240 páginas)

kotter.com.br/loja/pre-venda/rock-groselha-fragmentos-de-diario-imaginario-do-cazuza/

Silas
Corrêa
Leite

poesilas@terra.com.br
poesilas@gmail.com
www.silascorrealeite.com

O livro reúne letras de rock, poéticas e afins do roqueiro popstar Cazuzza em achados criptografados na nuvem e textos decodificados do premiado escritor Silas Corrêa Leite, poeta e ficcionista.

Baixado de uma nuvem estrambólica e de secreto arquivo descriptografado (ou vice-versos), a obra apresenta pensadinhos, pensagens de Cazuzza, num ser, permanecer, estar e continuar que não teve concerto, mas ao menos tem concerto. Letras ao seu estilo e estalos, aqui e ali viajando na maionese do ácid rock, Cazuzza fez da bossa nova um rock & roll lupicínico e emepebelizou seu pensar/sentir/criar num moinho de contestações, mostrando também a sua cara e coragem. Cazuzza foi único.

Suas criações ainda reverberam mundos e fungos. Livro único no gênero, Silas Corrêa Leite traduziu Cazuzza e, por assim dizer, o reescreveu no mesmo timbre e tons e tais, curtindo o inventário de inventariar o

fazer poético, destilando orquídeas murchas em zonas de desconforto. Nem sempre se vê lágrimas no escuro, cantou o Lobão. Deve ser isso de Cazuzza ser único e potente no que deixou de sua sina feroz de sacar, investir, criar e registrar focos de insanidades sociais. Por essas e outras, **ROCK GROSELHA** põe fogo nas cortinas para abrir-se novamente no espetáculo que tem que continuar, custe o que custar. E assim de ferir de presença as ausências que fazem parte do show de amar e reverenciar, reverberamos e evocamos Cazuzza em artes.

Essa é a proposta deste livro, em sua homenagem, seu talento, suas criações feito um porta-lapsos de jazzfluências em limonódoas de ins-pírar a MPB. Aqui, retratos, confidências, válvulas de escapes, e, acima e de todas as coisas, rock em rimas e letras — e tins e tons e tais. Periga ler. Se quiser, cante as letras. Sinta o ritmo. A loucura mora no desfecho? Habemus Cazuzza. E salve-se quem puder.



Primeiro capítulo de Instruções para desaparecer devagar

Flávia Iriarte

Editora Faria e Silva, 2026

No primeiro dia de aula, Alice aprendeu duas coisas: 1) Vodca vagabunda é a pior bebida que existe e 2) Ver a humilhação alheia pode despertar o nosso lado mais cruel, mas também o mais benevolente, generoso, indulgente.

Ela já tinha passado pelo ritual. Havia errado duas perguntas, bebido duas doses. Aprendera que a cena entre Uma Thurman e John Travolta em *Pulp Fiction* acontece no restaurante Jack Rabbit Slim's e que Quentin Tarantino tem fetiche por pés.

Agora, assistia a outra garota passar pela mesma humilhação.

Os veteranos estavam sentados no chão, jogados contra as paredes de uma das casinhas do

Centro dos Estudantes – um aglomerado de casas de madeira coloridas, onde se amontoavam violões velhos, instrumentos de percussão e cinzeiros com pedrinhas de maconha.

A humilhada da vez estava de quatro, segurando o copo de plástico com os dedos trêmulos. Havia um pouco de vômito no seu queixo, e o cheiro de vodca, tinta e suor impregnava o ar.

– Última chance – anunciou o veterano responsável por proferir as charadas, com um sorriso de hiena. – “Um menino perde seu trenó, um homem perde sua alma.”

Alice já sabia a resposta. Um tipo de conhecimento básico para jovens da Zona Sul carioca com aspirações artísticas, que ela tratara diligentemente de cultivar.

A garota olhou para o chão, depois para o teto, depois para o vazio. Não parecia buscar uma resposta, apenas um pouco de dignidade – e ela sabia que não viria. Seus cabelos estavam desgrenhados, a camiseta branca manchada de tinta, os braços sujos com as marcas dos dedos dos veteranos.

Havia algo naquela cena que parecia deslocado, fora do lugar. Algo na postura da garota, na forma de se vestir, que não combinava com aquele ambiente. Alice reconhecia os códigos implícitos daquelas festas: vestidos floridos e camisetas de linho abertas dando um tom despreocupado, calças jeans e coturnos que custavam um salário-mínimo, mas traziam um verniz de rebeldia. A garota não usava nada disso. A camiseta era simples, sem nenhuma ironia de corte ou marca. O jeans, justo demais. A forma de falar tinha um sotaque carregado, um tom que não se diluía no descaso displicente dos outros.

Alice nunca tinha testemunhado ninguém como ela numa cena tão humilhante, tão... íntima. E então, sentada no chão sujo da casinha de estudantes, vendo a garota bêbada,

rebaixada, prestes a beber mais um gole daquela vodca de quinta categoria, sentiu algo que não sabia nomear. Pena, talvez.

Ela preferia chamar de compaixão. Ou, mais do que isso: uma vontade de que aquela garota fosse salva. Agachou-se para ficar na altura dela e disse alguma coisa sem som, apenas movendo a boca.

A garota a olhou, semicerrando os olhos, como se o álcool a impedisse de entender palavras simples. Depois, respirou fundo.

– *Cidadão Kane?* – disse a voz, arrastada.

Os veteranos ficaram em silêncio por um instante, e então, alguém gritou: “Porraaa!”. Um copo voou pelo ar.

A garota estava salva.

Naquela noite, elas voltaram para casa juntas, de ônibus. Não falaram muito. Ainda estavam bêbadas, cansadas, derrotadas. A garota contou que morava em São Gonçalo, na Baixada Fluminense, conhece?

Alice balançou a cabeça. Não conhecia.

Disse que tinha conseguido uma bolsa universitária e, assim, alugar um quarto na casa de uma velha senhora, provavelmente solitária e querendo alguém para conversar e lembrar seus dias de juventude.

Havia uma massa grudenta de tinta vermelha nos seus cabelos, e ela parecia falar com um pouco de vergonha de abrir a boca, de mostrar os dentes.

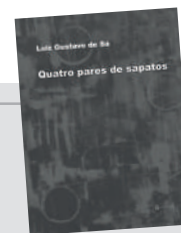
Alice ouviu, sem saber bem o que responder. Pela primeira vez, em tempos, sentia por alguém algo que se parecia com admiração. Uma continuação natural do sentimento que havia experimentado enquanto via a garota de quatro, sem ter a mínima ideia de quem era Orson Welles.

Ela nunca tinha precisado de uma bolsa para estudar. Nunca precisou justificar sua presença em lugar nenhum. Sua vida era feita de progressões suaves: o colégio bilíngue no Jardim Botânico, o intercâmbio no Canadá, a matrícula na autoescola assim que fez dezoito, a entrada na universidade sem maiores dificuldades, a mãe neurótica com alimentação saudável. Nenhuma grande tragédia, nenhuma grande ruptura até ali.

O ônibus fez uma curva mais aguda, e a garota anunciou que desceria naquele ponto. Alice não se lembrou de perguntar seu nome, mas ela fez questão de dizer, antes de descer:

– Bárbara.





Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/


Entre margens, linhas e espaços em branco, a ideia se imprime.



- Diagramação editorial
- Redes sociais
- Eventos



 [voe.comunicacao](https://www.instagram.com/voe.comunicacao)

 voecomunicacao.com.br

Mais uma vez, o **RelevO** abre o espaço das suas tão cobiçadas páginas centrais para receber a palavra do leitor. Está querendo mandar aquela indireta para uma certa pessoa? A oportunidade chegou!

Talvez uma das mais subestimadas formas literárias, a indireta navega por mares longínquos atingindo tudo e todos – menos aquela mala sem alça à qual se destina!

Certas pessoas adoram ficar de indiretinha por aí, não é? Pois o Jornal **RelevO** se compadece desses semeadores da discórdia. Confira, a seguir, as indiretas que recebemos.



RelevO Indiretas



Ninguém aguenta mais o comadrismo que impera em um CERTO canal de notícias. Desde quando numseiquemZINHO é jeito de tratar colega de bancada? Que saco!

Camilla

Aracaju-SE

Certas pessoas deveriam parar de sugerir alavancas para pesos que elas não carregam.

Elsa Villon

São Bernardo do Campo-SP



Pra quem diz ter respeito, você se contradiz muito.

Luiz Mazzer

Curitiba-PR

Tem jornal que se acha, mesmo... só quer ser engraçadinho e ainda chama de literatura! Mal sabe o destino que certas pessoas dão às páginas quando acampam...

Jefté Amorim

Cabo de Santo Agostinho-PE

Quem com RelevO rela com RelevO será relido.

Leonardo Migdaleski

Sociedade-BR

Vocês dizem que têm decisões editoriais que não cabem numa linha, mas será que às vezes faltam justamente essas linhas pra explicar o que ficou de fora?

Andrea Dal Piccolo

Rio de Janeiro-RJ

Tem certas pessoas que usam do anonimato para falar dos outros, mas queria ver se fosse com elas.

Lucas Aranha

Brasília-DF

Progressista e conservador! Dois gêmeos ansiosos que querem a todo custo fugir do presente: um indo para frente, o outro voltando para trás. Nenhum dos dois, porém, consegue mudar uma vírgula do agora.

Lucas Lourenço

Martinópolis-SP



Curioso como alguns textos passam por todos os filtros, enquanto outros parecem esbarrar em critérios que nunca foram escritos.

Monique Fradinho

Belo Horizonte-MG

E pensar que tem gente que acorda todo serelepe com marca de batom na cueca, faz um discurso eufórico diante do espelho, vai embora descalço e sem escovar os dentes, troca socos com o missionário que estava interfonando no portão, pega o ônibus errado, come a marmitta do colega e depois reclama que nada dá certo na vida. Se você não sabe de quem eu estou falando, talvez seja de você mesmo!

Luis Felipe Mayorga

Instagram-LOJAS PERNAMBUCANAS

Engraçado que pra fazer campanha de indireta o pessoal por aí tem tempo, agora pra responder o e-mail aprovando meu texto pra publicação ninguém tem tempo. Complicado.

Alex Zani

Belo Horizonte-MG

Os autores que publicam no Jornal são da panelinha...

Ismael Maia

Instagram-DORA AVENTUREIRA

Minha indireta é bem direta: é para todos vocês, intolerantes à lactose e celíacos. Peço que vocês, queridos amigos, parem de comer estes alimentos que lhe fazem mal. Pare de comer bolo em toda confraternização da empresa se você sabe que tem um problema sério com trigo e vai ficar soltando gases tóxicos o dia inteiro. Apenas pare, você aí, de pedir pizza sabor um milhão de queijos com borda de catupiry se é intolerante à lactose e vai interditar o meu banheiro e deixá-lo com cheiro de morte. Peço que vocês PAREM de ingerir os alimentos proibidos, eu não aguento mais cheiro de peido, reclamações e banheiros interditados. O catupiry é a pior droga lícita desde Zolpidem e café. Parem com ela, seus viciados.

Aline L.

Joinville-SC



Certas pessoas conspiram contra o próprio país, são presos, pedem sinal de Deus e tomam raio na cabeça e juram que são perseguidos por um mal hipotético. Quem diria que as suas atitudes tem consequências, né? Mas quem somos nós pra julgar!

Mateus Marques

Curitiba-PR

Assinei o RelevO em 16 de fevereiro e ainda não recebi nenhuma edição. Tá certo isso?

Vitória Mitiko Yonooka Ishi

São Paulo-SP

Talvez se você fosse menos vitimista e tomasse banho de vez em quando, teria amigos de verdade...

May

Curitiba-PR



Parabéns. Você finalmente tem as desculpas perfeitas. A política brasileira está em colapso, a inteligência artificial está vindo para tomar o seu lugar, e ninguém mais consegue planejar uma viagem internacional com antecedência sem que uma crise altere o calendário. Este é o melhor ano da história para não fazer absolutamente nada. Em todos os outros anos, você tinha que inventar uma desculpa. Então aproveita.

Marcos Beccari

Curitiba-PR



Quem é o idiota que ainda lê jornal? Temos o TikTok, não é mesmo?

Gabriel Leite Aquino

Registro- SP

Indireta? Eu sou melhor que certas pessoas que se dão ao trabalho de ficar mandando indiretas pra outras em jornal, eu não vou ficar com isso de indireta não.

Rodrigo Vaz Alvarez

Instagram-MARK ZUCKENBERG



“Tarô do RelevO
Carta do dia: O Enforcado.
Tem gente que ensaia a própria humildade.”

Maristela Fernanda Festucci

Santo André-SP

Mando por aqui mesmo a indireta ou praquele lugar onde vocês sabem bem?

Claudio Boczon

Curitiba-PR

“Entre versos diversos eu peço atenção;
Que a mensagem passada passe a informação;
Para o fantasma distante, eu peço perdão;
Para a noviça rebelde, amar é vão;
Para o cabeça de ovo, a verdade se compra.
No final, quem escolhe a música é o líder da banda.”

João Ribelato Rusciolli

Curitiba-PR

“CANTADA PELO AVESSO
prima, você é mais burra que uma casa sem janela
que a prioridade gramatical do ele sobre o ela
mais burra que a ditadura
que uma biblioteca escura, que uma rã que não pula
mais burra que jogar a polpa fora depois de ter comido semente e casca
ou que o derretimento do Alaska você é inclusive mais burra que o sufrágio, que o pedágio, seja qual for seu estágio
mais burra que o cabo frouxo de uma enxada
que uma bula rasgada
que um trabalho forçado de madrugada
menina, você é mais burra que qualquer mania
mais que um AVC de noite, que um engarramento de dia
mais até que o medo branco da alforria
sua psicodélica: sozinha, você encarna toda a cretinice evangélica!
olhe, minha fia, se eu pudesse, eu até lhe dizia
que mais burra que você, nem a eucaristia.”

Diogo Santiago

Valréas-França



Pria- pismo

é uma condição médica na qual o pênis se encontra em uma ereção dolorosa e contínua, mesmo sem estímulos físicos ou psicológicos, por quatro ou mais horas. As causas ainda são pouco elucidadas, mas desordens do sangue ou neurológicas estão associadas com uma maior frequência dessas ereções descontroladas.

O nome da condição vem do deus romano Priapus, protetor de ovelhas, abelhas, e da navegação marítima, mas sobretudo da fertilidade. Não à toa: Priapus era conhecido por ter um membro reprodutor descomunalmente grande e constantemente ereto. A popularidade do seu culto era variada: embora não esteja entre as divindades mais importantes do Panteão greco-romano, em algumas cidades ele era a divindade mais adorada. Inclusive é ele a figura central da Priapeia, uma compilação de poemas clássicos, geralmente obscenos e humorísticos que envolvem sua vida e, evidentemente, sua relação com o enorme pênis.

Bônus – ainda sobre sexualidade e Roma: em Pompeia existem várias figuras fálicas cravadas nas ruas, todas apontando para o bordel local.

Bônus 2 – a disfunção erétil pode afetar a vida sexual dos homens, mas existem muitos tratamentos, como os oferecidos pelo Boston Medical Group.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>





Desapresentações

Ambrose Pierce

Tradução de Demian Gonçalves Silva

O diabo é cidadão de todos os países, mas apenas no nosso estamos sempre em risco de ser apresentados a ele. Isto é a democracia. Todos os homens são iguais; o diabo é um homem; logo, o diabo é um igual. Se este silogismo não é bom e suficiente, gostaria de saber o que é que lhe falta.

Não vale a pena escrever por enigmas quando não se está profetizando; refiro-me ao horror do costume tipicamente americano das apresentações promíscuas, indesejadas e não autorizadas.

Por imprudência você encontra o seu amigo Smith na rua – se tivesse sido prudente, não teria saído de casa. A sua impotência o desespera e você se lança a uma conversa com ele, sabendo perfeitamente bem o desastre que lhe está reservado.

O esperado acontece: aparece outro sujeito, imediatamente interceptado pelo Smith, e logo vocês são apresentados um ao outro! Ora, você não deu ao Smith o direito de alargar o seu círculo de conhecidos, nem de selecionar ele próprio a nova adição; por que razão ele o fez? A pessoa cuja mão ele o condenou a apertar pode ser uma

pessoa admirável, embora haja uma forte probabilidade numérica em contrário; mas, por tudo quanto o Smith sabe a respeito dessa pessoa, ela pode ser o seu pior inimigo. Smith nunca pensou nisso. Ou talvez você tenha provas (sem relação com a apresentação em si) de que ela é uma espécie de ladrão – existem mil e cinquenta espécies de ladrões. Smith, no entanto, nunca pensou nisso. Resumidamente, Smith nunca pensou. Numa Smithocracia, sendo todos os homens, como já dito, iguais, são todos eles igualmente agradáveis uns aos outros.

Esta é uma extensão lógica da Declaração de Independência dos Estados Unidos. Se é equivocada, também é equivocada a presunção de que um homem me será agradável por ser agradável a outro, e apresentar-me a alguém que não pedi nem aceitei conhecer é invadir os meus direitos – é negar e limitar a minha liberdade de ter voz nos meus próprios assuntos. É como determinar que tipo de roupa devo vestir, que livros devo ler ou o que devo comer no jantar.

Ao considerar a apresentação pro-

míscua a um costume americano, não ignoro que também ocorra em outros países além do nosso. A diferença é que, nos outros, se restringe basicamente a pessoas sem importância nem pretensões de respeitabilidade; aqui é tão difundida que não se pode escapar a ela. As democracias são natural e necessariamente gregárias. Mesmo os franceses de hoje o são cada vez mais, e não parece distante o tempo em que perderão aquele refinado sentido social que os tornou o mais escrupuloso e, por isso, o mais atencioso de todos os povos com a exceção dos espanhóis e dos japoneses. Por aqueles que viveram em Paris depois de mim, ouço dizer que a apresentação fortuita tem começado a devastar o ambiente social, e os homens sensatos, que desejam conhecer o mínimo possível de pessoas, já não podem contar com a discricção dos amigos.

Dizê-lo não equivale a bradar “abaixo a república!”. A república tem lá as suas vantagens, entre elas a liberdade para bradar “abaixo a república!”. É de se desejar que alguma grande potestade social – digamos, um bilionário – es-

tabeleça um sistema de desapresentações. Funcionaria mais ou menos da seguinte maneira:

Sr. White – Sr. Black, ciente da pouca estima que os senhores nutrem um pelo outro, tenho o prazer de desapresentá-lo do Sr. Green.

Sr. Black (fazendo uma vênica) – Senhor, há muito que ansiava pelo privilégio do seu desconhecimento.

Sr. Green (idem) – Encantado em desconhecê-lo, senhor. A nossa relação (obra da pessoa mais descortês e indigna) afligiu-me indescritivelmente. Ficamos eternamente gratos ao nosso bom amigo pela delicadeza com que remediou o infortúnio.

Sr. White – Obrigado. Estou certo de que serão excelentes desconhecidos.

Isto é apenas a sombra de uma sugestão; obviamente, o plano pode ser aperfeiçoado *ad infinitum*. O seu maior defeito consiste no seguinte: os que hoje são tão liberais nas suas apresentações indesejáveis serão igualmente pródigos nas suas desapresentações, e afastarão os melhores amigos com a mesma sem-cerimônia que hoje empregam na sua faina mais demoníaca.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.

Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.

Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

No Espaço de Ideias Clarice & Machado, a comunicação é artesanal. Produzimos conteúdo singular – do texto com alma à estratégia de podcasts. Comunicação com sensibilidade e eficácia para quem busca autenticidade em um mundo artificial.



(41) 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br

ESPAÇO DE IDEIAS
CLARICE & MACHADO

Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na cidade universitária Santa Cruz Centro Universitário





Admirável ano novo

I.

tampar o mar com a tampa de ferro dos esgotos

II.

amamentar o bebê robô
do smartphone com peito de silicone

III.

colher a fruta que brota
do tronco de metal do laboratório

IV.

ver que o vira-lata é um gato feito de latas

V.

descobrir
que o poema sujo (1975) é uma distopia cyberpunk

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...



@escritormayorga



É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.

Prayer

Brenno Costa

o exercício teológico e a prática fetichista

entenderam – cada um ao seu modo,

que o mais íntimo é a delicadeza

de ajoelhar

e ambos se encontram em devoção:

—

seja pela cruz

seja pelas canções da Madonna.





1.

M. dorme com o Diabo deitado ao lado
 o Diabo é paciente
 o Diabo é um escritor
 ele tece textos ao redor de M.
 M. em paralisia sente o Diabo
 o medo
 o corpo dissolver
 a cama é uma armadilha
 M. pisca os olhos cem vezes por segundo
 vê o Diabo no chifre de veado
 vê o Diabo no centro do peito
 M. acorda com o Diabo ao lado
 o Diabo é paciente

2.

o Diabo pergunta a M. quem é

 M. responde

 lhuMer luMher ruhMel Murelh
 Melhur heMlur Mulerh huMler
 huMler Melhur lhuMer luMher
 Mulerh ruhMel Murelh heMlur
 heMlur Mulerh huMler Melhur
 Murelh lhuMer luMher ruhMel

 o Diabo havia enrolado sua língua

Daniela Rezende

3.

o Diabo pergunta a M. quem é
 M. murmura

 ula
 ulher
 ãe
 acabéa
 orte
 edo
 anhá
 ontanha
 áquina
 achado
 eretriz

o Diabo ri
 M. saliva & mastiga a mandíbula

4.

após o banho, M.
 reflexo nu no espelho
 as coxas as mãos
 os pés os seios
 finalmente ela compreende
 : o corpo é um espantalho
 o seu, de tão usado
 afugentaria os pássaros
 de uma fazenda inteira





TEMPOS DIVERSOS

De agora em diante
 não vale só o verso.
 Vale o reverso, o remorso,
 o remendo. Vale o sorriso
 e o siso. Mas vale também
 o choro, o corte, o sangue no branco do olho.
 Sim, ainda valem as flores
 e muito mais os amores.
 Mas o que conta agora são outros clamores:
 o céu sem estrelas, o sol ardendo no rosto
 e um travo na boca. Sim, eu sei,
 vale o verso, a lágrima, a água límpida do canto
 mas vale também a faca
 nos dentes, o aperto no peito.
 Vale o gesto do abraço
 mas vale também o braço erguido do adeus.
 Vale o beijo e vale o escarro. O pejo, o escárnio, o asco.
 Vale a mão que planta no chão, a mão que colhe
 o fruto maduro, mas vale também o punho fechado
 contra o céu de chumbo.

São tempos diversos, estes.

DEMIURGO

Frágil artífice
 que te fazes e refazes
 na feitura de tua trama,
 feiticeiro que esqueceu a fórmula,
 saltimbanco abandonado pela trupe,
 palhaço de quem ninguém mais ri:
 onde estão as argolas, as imagens, os castelos
 que, habilíssimo, suspendias no abismo
 ante nossos olhos pasmos
 de criança?

Perderam o encanto.

Pobre artista,
 se nem tudo o que reluz é ouro,
 nem tudo o que se cria é vida.

Otto Winck



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

redemacuco.com.br
 20 anos



As Dez Vias da Literatura Contemporânea

Antonio Marangaha

O final do século passado foi marcado por uma virada na literatura brasileira. Ela saiu do experimentalismo radical dos muitos (pós-)modernismos que formigavam no país. A atmosfera pós-vanguardista nordestina dos 1970 e 80 – Geração Sanhauá, Pernambucália, Tropicalismo, Jaguaribe Carne – e as narrativas políticas da Ditadura se desgastaram – não por inaptidão, mas por inércia inevitável que abate todos os movimentos que passam o horizonte de eventos. A literatura agora focava em parâmetros realistas, como o urbano brutalista de Paulo Lins e a poesia marginal que manteve o cheiro de mimeógrafo a distância das vozes *mainstream* do mercado.

Os anos 1990 assistiram ao advento de alguns movimentos: o Mangubeat, a literatura periférica e a geração do 00 – o blog era o novo estêncil. Explosão de gritos similar criou a Tribo Éthnos, nascido nas brenhas pessoenses do Bairro dos Bancários, tentando criar uma maçaroca estética. O coletivo surgiu propondo uma integração multicultural humanista. O mesmo *zeitgeist* do Mangubeat.

Alhures pipocaram movimentos que posteriormente chegariam a nosso quintal, advindas desde os anos 1980 nos EUA, como o Afrofuturismo, o Maximalismo e a *Dangerous Writing*, e desdobramentos tardios do movimento Cyberpunk e Steampunk – como o Biopunk (anos 90) e o Solarpunk (anos 00) –, e uma grande difusão de literaturas de gênero, com importantes ecos ou paralelos na América Latina, como Realismo Mágico, Ficção Especulativa e autores famosos pelo erotismo, como Nelson Rodrigues.

No Brasil, essa explosão de vozes cauterizou as feridas literárias do Regime Militar e deu mais espaço à literatura fora do eixo Rio-São Paulo, principalmente com o surgimento da internet. Passada a virada do milênio, a grande profusão de blogs deu ouvidos às vozes antes deixadas para a repescagem das antologias regionais.

As graças antes ignoradas no cânone literário do Ensino Médio – Francisca Júlia, Emília Freitas, Maria Firmina dos Reis, Leandro Gomes de Barros, Zé Li-

meira etc. – seduziram uma nova geração de leitores e escritores. A assediadora influência estadunidense no cinema nos trouxe elementos de movimentos estrangeiros da penúltima década do século.

Logo, não trarei nenhuma novidade.

De 90 a 110

A maioria dos movimentos nordestinos do pós-90 tinham a atribuição de não se prender a um único ismo. Mas do pós-90 ao pré-10 se estabeleceu na literatura um recorrente reverencialismo de seus antecessores. O grande ato da Geração Sanhauá – filtrar as novidades e infundir nordestinidade sobre as vanguardas – se tornou um culto acrílico por poetas e escritores nas décadas seguintes. Cada escritor entre a Era Collor e o Lula II ainda se sente fiador aos quatro pilares estéticos da Sanhauá que eram lei inquestionável. Como até a água mais límpida vira massapê quando na secura da poça, é natural que jovens escritores busquem alheios caminhos quando a chinela se prende na lama.

As redes sociais ajudaram a desmontar o quebra-cabeças à força. Aparecidas no Brasil ainda no início dos anos 2000, moldaram a forma como nos relacionamos com a literatura, com os autores e com os leitores. As antigas editoras cartoriais, velhos autores acastelados, fanáticos leitores tieteiros e livros feitos para degustação cederam ante uma complexa rede de trocas de informação que tirava o juízo de todos os envolvidos, mas facilitava a formação de grupos. Não à toa, no fim dos 00 tivemos avivamentos literários – primeiro nas universidades, e depois ganhando as ruas. Jornais literários e suplementos impressos foram muito utilizados, além do blog.

Em paralelo, muitos grupos se organizaram nesse período em todos os estados. Que eu me lembre (ou tive contato) posso falar de vários – Os Renegados, Jornal Marginália, Sarau da Cooperifa, Escritores de Fantasia, Clube do Conto e um estouro de slams por todo o país. Não à toa, a década seguinte foi palco para a *Revista Blecaute*, o Núcleo Literário CAIXA

BAIXA, o Silêncio Interrompido, o Ariel Coletivo Literário, Absurdo e o Recita Mata Norte, e iniciativas como o Sarau Selváticas. Bebendo límpidas águas afrofuturistas, o Sertão punk veio e reagiu ao neobarroco de filtro amarelo do Cyberagreste.

Todo esse texto inventarial contabilístico acima pode rasgar os olhos com nomes e datas, mas confesso que a intenção beira ao que de menos nobre há em mim: o puro purê de pseudointelectualismo, além de mostrar como as coisas ficaram complicadas de trinta anos pra cá. Então, quais as estradas que se encontram abertas para o escritor atual? Por onde ele pode picar a mula e passar a quinta marcha pra ser feliz? Separei em dez caixinhas toda a atual complexidade, que nem de longe interessaria a um editor. Vamos aos grupos?

Os Glocals

Partem do Onde Se Fala. Unindo os termos Global e Local, o Glocal é um bolo de temas locais que se desdobram em universais – fundindo diversos estilos, gêneros e estranhamentos do cotidiano. Bebendo das contaminadas águas termiais do realismo mágico e da prosa pós-modernista brasileira, circula entre um realismo doloroso e um fantástico socialmente desconfortável. Um assassinato de um aviãozinho se transforma num estudo da natureza humana (Roberto Menezes). Uma mulher descobre a traição do marido num site pornô e isso se torna um ensaio sobre insegurança (Tiago Germano). Uma relação professor-aluno se transforma na mais antiga ambiguidade lolitescas (Wander Shirukaya). Prefiro a expressão Regionalismo Cosmopolita, uma vez que traz personagens vivendo vidas comuns e geralmente urbanas (mas nem sempre) fora do eixo errejotaessepê. Um nome que desponta é Itamar Vieira Júnior. A Paraíba representa bem essa via, nomes partícipes do Clube do Conto e do CAIXA BAIXA, e outros mascaram o glocalismo sob camadas e mais camadas de literatura de gênero – muitos fazem realismo mágico, terror e ficção científica.



Os Identitários Déco

Para os autores dessa facção o importante é Quem Fala. É a galera dos estudos pós-coloniais ou decoloniais, dos pensadores que resgatam epistemologias afroindorâmicas. O termo lugar de fala é caro para eles. Apostam na identidade negra, feminista, queer, trans, indígena, periférica. Sem juízo de valor aqui, é uma postura tão válida quanto as demais. É aqui que a estética visa à autoafirmação e à reparação. É aqui que entram influências como o afrofuturismo e a literatura marginal-periférica. É aqui que desembocam Trudruá Dorrico, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku e Ailton Krenak. É aqui que se discute a voz, a política e a representatividade. Até a nova onda gospel na literatura poderia entrar aqui, mas ela é tão diferente que tem uma via só dela. Enquanto o *modus tollens* decolonial emerge de identidades que foram oprimidas pela história, colocadas em uma posição quase como de objeto, tal qual mulheres e negros em outros séculos, o gospel não se encaixa aqui, e por um motivo muito simples: não são decoloniais. Na verdade, a maioria apenas reproduz alguns discursos tradicionais e hesita ante questionamentos.

Os Ensimismados

É claro que Quem Fala Sou Eu. Filhos da crise identitária do branco brasileiro entre 2010 e 2020, recorreram aos riscos do autoderretimento. Aos poucos — um aos poucos a jato —, as fronteiras entre vida real e a invenção literária se dissolveram. A autoficção explora os limites entre autor e obra. O autor recorre ao próprio nome para semear dúvidas sobre a realidade. Às vezes, são roteiristas de séries de Netflix, como *Bebê Rena*, que começam a desenvolver o estranho gosto por processos por difamação e brigas familiares. Sacrificam a própria capacidade de se relacionar com o mundo num processo profundo e perigoso

de investigação do Eu. Mas não só de autoficção vive esta senda. Há uma certa herança clariceana de fluxos de consciência e uma curadoria de arquivos da consciência meta-literária que se perde escrevendo sobre escrever. Muitas vezes, a prosa é contida, se derrama para dentro de si. Mas basta um período de três páginas sem ponto final e se torna outra coisa, um visceralismo que pega o facão da palavra e sai desbravando caminhos fechados da psiquê humana, puxando das entranhas os sentimentos mais intensos, nojentos e vulneráveis.

Os Gospels

Importante é se a crença de quem fala é Jesus. Apesar de subrepresentados no Nordeste — aqui se fazem mais na música, como o Coletivo Candieiro —, não se tratam só de evangélicos. Encaixotam também católicos e outras vertentes cristãs. Falando no seco e no grosso, a maior parte do gospel brasileiro é o resultado de um processo de dominação cultural dos EUA sobre o Brasil. Autores dessa linha acreditam na literatura como veículo de fé, como assim acreditavam C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien. No Brasil, investem na Ficção Cristã, com nomes como Camila Antunes e Rebeca Sousa, que investem mais no infantojuvenil. É panfletarismo, e tudo bem. Ideologia e literatura andam tantas vezes de mãos dadas que são quase a mesma coisa. Nesse caso, o que panfletam aqui? Seus ideais, sua fé, sua ética, seus mitos. Um grupo tão válido como os outros. Nada de jogar pedra aqui, hein?

Os Exagerados

É o nosso Grupo Cazuzo, focados no Como se fala. Jogados aos pés, levam tudo ao limite do editor, do escritor, do livro, do estilo, do leitor, do tema, buscando o *Übermensch* literário versão bruzundanga.

O importante é impactar na linguagem. Alguns optam pelos excessos linguísticos, metáforas na altura da cintura, de avanço lento e difícil. Muitos leem os maximalistas e emulam cada preposição às últimas consequências. Seus textos são mergulhos profundos. O leitor tem que tomar fôlego, praticar apneia e descer o máximo que puder. As estruturas ficam tão complexas que ninguém consegue ler sem fazer um mapa num quadro negro. Por outro lado, os que fogem da complexidade exageram nos limites dos personagens. Os Brutalistas, como Paulo Lins e Bruno Ribeiro, bola-gateiros da Dangerous Writing, se jogam de cabeça na cruzeira, no gore gratuito, num Saara inteiro de violência seca. São leituras perturbadoras de explosão dolorosa. Um espetáculo de sombras grotescas assassinando o sublime com retoques de crueldade. Às vezes, os dois exageros se cruzam. E dão ninhada.

Os Antropocênicos

Começo pela ecopoesia de Celeste Martinez ou pelo manifesto de Zélia Bora e Antonio Miranda? Tanto faz! Essa visão higienizada é só a cobertura vegana da torta. Não são só ativistas, mas gente que assumiu que o futuro deu em estreme. O movimento parece diverso, mas por baixo de máscaras tão diferentes exibem a mesma face. Essas Escritas do Antropoceno — os puristas chamarão de Eco-Literatura — vêm de autores que aceitam o colapso final. A relação entre humanos e não humanos está em decadência. Cli-Fi e Antropoceno Ficcional são só duas fatias da mesma pizza. Daniel Galera e Joca Reiners Terron são dessa platonagem da extinção humana, mostrando um mundo pós-Antropocêntrico e tudo o que sobra é mutação e ruínas. Insiro aqui as distopias como um primeiro passo a caminho do fim do mundo — tudo piora antes de acabar. Uma safra recente de autores ▶





paraibanos adotou as Escritas do Antropoceno como um filho, jogando-o desde a extinção da espécie humana até um pós-apocalipse bruto e beirando — e muitas vezes ultrapassando — o gore. Cito aqui *Verde Gás*, de Ricardo Oliveira, *Os Interiores*, de João Matias e *Colapso*, de Roberto Denser, para os quais o fim do mundo acontece no fiteiro da esquina, e não só nas telas dos filmes de Hollywood.

Os Bacanalíticos

Fãs da literatura erótica descubrem que o tesão pode vir de qualquer lugar. A estética do virar os olhos explora todos os limites — e as perversões — que um ser humano pode ter. Não falo só de hentais, mas da complexa exploração das necessidades gozosas do homem e da mulher, e do que houver no meio. São textos que exploram a sexualidade ao limite. Falo de um grande espectro textual desde o chick-lit (New Adult contida e cafona, não tem quem me convença do contrário) até o hot. Há quem combine com elementos sobrenaturais — sei lá, uma zumbi que se apaixona pelo vampirozomem de membro latejante —, momentos históricos, recortes queer, BDSM, kink, máfia, suspense, dentre outros. A ideia é elaborar um tratado de *corponomia* em que a autora — a maioria são mulheres como Vanessa de Cássia, Ariela Pereira e Carmen Faustino — investiga em seus personagens as normas sexuais vigentes, os desejos e as identidades vinculadas à autonomia sexual. A ideia é que essa escrita vem das entranhas e, enquanto outros estilos exploram a dor, este explora o prazer (pode ser a dor também, vai das taras de cada um). Até o Dark Romance se insere nesse swing literário, mesmo com sua questionável e polêmica busca do prazer pela violência.

O Balaio de Gato da Poesia

A poesia brasileira toda funciona como uma grande e variada festa de diversidade. Nem a teoria literária encontra facilidade para encaixá-la em rótulos, tribos ou movimentos independentes. Nem é tanto verdade assim. Há um grupo que se separa, que veremos a seguir. Mas a poesia é por natureza mais resistente às categorias. Um mesmo coletivo pode ter concretistas, formalistas clássicos, versistas livres e músicos. Anna Apolinário, automática e surreal, divide o mesmo espaço com a poesia de resistência

de Aline Cardoso, com um adepto de formas clássicas como Joedson Adriano e com um experimentalista sonetista como Antonio Maranganha — este que vos fala se achando importante. Finjam que não leram isso. Aqui transitam poetas infantis como Jairo César e exploradores da palavra como Thiago Lia Fook. Essa facção é singra por um lirismo heterogêneo e multifacetado. A poesia hoje no Brasil é menos sobre grupos e mais sobre dicção e criação.

Os Poetas do Grito

Se afastando da playboyzada da poesia escrita entra a mais visível e politizada, para os Poetas do Grito, a poesia deixa de ser um conjunto de palavras numa folha de papel e se torna performance, oralidade e luta. Vencem as brigas pelo gogó. Não é só recitar. É vestir-se de palhaço e recitar o poema antipolícia numa fonte no centro da cidade. Não se fala só de ancestralidade e identidade, mas de denúncia e violência. Não à toa, muitos se tornam rappers. São testemunhas da violência policial e da exclusão social. Estão por aí há mais tempo e continuarão por aí por muito tempo ainda. Na Paraíba, cito a bicampeã do slam Bixarte, além de nomes como Ikaro Max e grupos como o Slam da Guilhermina, Silêncio Interrompido e o Sarau da Cooperifa. Têm a sensibilidade para perceber poetas onde a maioria só enxerga mendigos — como no caso de Valter di Lascio, um típico poeta marginal, andarilho entre as cidades, que pedia para que você dividisse cachaça para ele aguentar o frio da noite onde dormia. Ele espalhava sua poesia em folhas de A4 xerocadas com o dinheiro que sobrava da bebida.

Os InstaSensíveis

Sabe as estradas anteriores? Tudo millennial — brincadeira, viu? Seu bando de millennial desgraçado! Os InstaSensíveis surgiram praticamente ontem. Ainda lutam para desmamar. São os arautos da Young Adult, um grupo em trânsito e em formação, adeptos das mais variadas formas de literatura de gênero. Enquanto outros se definem por pura estética, fazer e estrutura, os mais jovens se definem pela temática e pelos objetivos da obra. O que importa é a forte presença nas redes sociais, a

hiper-exposição, a instapoesia, a narrativa em reels. Agremiam-se no carço de muitas tribos urbanas — otakus, geeks, furies — e se diferenciam dos demais por não terem vergonha nenhuma de assumir isso. Têm meu respeito! Pouco importa se é um mundo real ou um mundo de fantasia. Os medos de um personagem de anime são tão reais quanto os que vivem nosso mundo. E por isso defendem fácil os avisos de gatilhos, as narrativas pedagógicas, os leitores sensíveis e o respeito a pautas sociais. Uma marca deles é a atualização de clássicos, os mashups e os audiolivros. Sabem que estão escrevendo para entreter, como fazem Ana Elisa Ribeiro e Leonardo Chalub. Mas não subestimemos, pois eles só querem textos acessíveis, limpos e diretos. Perto deles, me sinto um pouco no massapê que eu mesmo critiquei das gerações anteriores.

O que cada estrada nos ensina?

Mesmo que este ensaio esteja mais para uma brincadeira, não podemos ignorar o fundo de verdade que essa dedada onde as costas mudam de nome nos joga na cara. Essas estradas não são retas, mas curvas, aladeiradas e meandrosas. São intercambiáveis, cheias de atalhos e rotas secundárias. Um carro em uma estrada pode pegar vários atalhos para chegar à estrada vizinha. Tem quem migre e tem quem ouça as histórias de outros viajantes de outros grupos que pegaram a mesma carroça. O CAIXA BAIXA e o Clube do Conto, por exemplo, agremiam gente de quase todas as categorias citadas acima, e muito mais. E isso só enriquece a literatura. Elas não são prisões, mas pontos de referência.

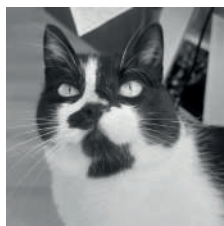
Podemos perceber também que existe uma diferença grande entre Tendências Editoriais e Tendências Literárias. Vivemos num mundo onde quem tem o livro tem a influência, mas não a voz. Quem tem a voz não precisa de livro, e nem de influência, para existir. O mundo do slam é pouquíssimo atraente para as editoras, enquanto que ensimesmados não têm os culhões para alcançar o público do rapper. Então, como exercício de pseudointelectualismo, acho que até me dei bem, mas podem questionar. Todo questionamento será tratado de forma responsável e sumariamente ignorado.

Laroyê amém saravá xau.

URGENTE

Aaaaah! Um enorme terremoto está acontecendo! Com erupções vulcânicas e essas coisas.

Use o poder do seu livre-arbítrio para tomar uma decisão:



Alternativa A

Assinar o Jornal Relevo e salvar Toninha, a gata

Alternativa B

NÃO assinar o Jornal Relevo e salvar o bilionário Elon Musk



O pessoal está ansioso para saber sua escolha!

contato@jornalrelevo.com

www.jornalrelevo.com

Imagine estar tentando tomar um café, na paz do Senhor, lá na Alemanha, e se deparar com esse jornal

jornalrelevo.com/sobre/encontre/

Pontos de distribuição do Jornal Relevo

Alagoas
MACEIÓ Livraria Novo Jardim
Amapá
MACAPÁ Biblioteca Pública Elcy Lacerda
Amazonas
MANAUS Kalena Café O Alienígena da Amazônia Sebo Édipoeira
Bahia
JUAZEIRO Sebo nas Canelas ILHÉUS Badauê Livros, Discos e Café SALVADOR Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS) Livraria Escariz
Ceará
FORTALEZA Rede Jangada Literária Reboot Comic Store JUAZEIRO DO NORTE Solaris Sebo
Distrito Federal
BRASILIA Los Baristas Casa de Cafés Oto Livraria Quanto Café
Espírito Santo
DORES DO RIO PRETO A Cafeteria MARATAÍZES Marítimo Restaurante e Lounge Bar SÃO MATEUS Livraria Sebo & Arte
Goiás
GOIÂNIA Livraria Palavrear
Maranhão
SÃO LUÍS Rede Ilha Literária
Mato Grosso
CUIABÁ Raro Ruído Tcha por Discos - Vinyl Store
Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE Banca Modular Hâmor Livraria Ramita Cafés DOURADOS Livraria Canto das Letras Sebo Café Leitura
Minas Gerais
BELO HORIZONTE Amoras Café Café CentoeQuatro Editora UFMG Livraria da Rua Livraria do Belas Livraria Dona Clara Livraria Jenipapo BH Livraria Outlet de Livro Quixote Livraria e Café CÁSSIA Livraria da Praça ITAJUBÁ Lume Livraria Sebo da Cris OURO PRETO Rena Café POÇOS DE CALDAS Sebo Travessa Cultural POUSO ALEGRE Sebo Santa Sofia SABARÁ Sou de Minas, Uai SÃO JOÃO DEL REI Adro Mais Centro Cultural Livraria Café Itatiaia Taberna D'Omar SÃO TOMÉ DAS LETRAS Caverna Café TIRADENTES Cafeteria Tiradentes UBERABA Lemos & Cruz Livraria UBERLÂNDIA Maranta Livraria Domus Brasílis Livraria Maru Café Especial Livraria Plural Sabiá Livros Samsara Espaço Esotérico
Pará
BELÉM Casa Arari Livraria e Cafeteria Rede Amazônia Literária
Paraíba
JOÃO PESSOA Abô Botânica e Café SOLÂNEA Binário Café

Paraná
ANTONINA Livraria da Barca ARAUCÁRIA Boutique Café Casa Eliseu Voronkoff Panificadora El Grano Porão Cavalo Baio CIANORTE Café 513 COLOMBO Livraria e Papelaria Colombo Parque Municipal Gruta do Bacaetava CURITIBA Abuela Plantas Ah! Cafeteria Ainda Bem Café Ao Distinto Cavaleiro Arcádia Sebo & Café Argenta Cafés Asteristico Café Ateliê CADERNO LISTRADO Baba Salím Bardo Tatara Bar do Dante Bar Invasão do Teatro Bar Makiolka Bar Otelo Ben Café Biblioteca Pública do Paraná Bondinho de Leitura da XV Botanique Oásis Brains Coworking Café 217 Café Cultura (Cabral) Café do Canto Café Degusto Café Demoiselle Café Encantado Café do Espaço Café do Mercado Café do Viajante Café e Livraria Solar do Rosário Café Lisboa Caffé Per Tutti Centro Caffé Per Tutti Juvevê Casa das Bolachas Casa Luce Casa Pagu Casa Portfolio Cataia Bar Coffeeteria Colégio Medianeira Cordelo Café CS Doce e Café D'House Dalat Café EH Brewing CO. Empório Kaveh Kanes Estação Chelsea Estação Literária Osório Estúdio Latino de Design Estúdio Riachuelo Fábrica Pães & Café Fingen Café Five Lab Floreria Café Bar Fubá Café Fuga Café Fundação Cultural de Curitiba Gabo Livros Gerência Faróis do Saber Giardino Café & Cappuccinaria Gisele Farias Estética Avançada Go Coffee Água Verde Grân's Café Grimm Haus Sebo & Livraria Inked Café Itiban Comics Shop Isis Café Janaíno Vegan Bar Joaquim Livraria Jokers Bar La Belle Époque Liquori da XV Livraria Arte & Letra Livraria da Vila Livraria do Chaín Livraria Vertov Love City Lupita Bistrô Bar Lynk Gastrô Mabu Hotel Maçã Padaria Mad Jack Beer Lab Madí Cafeteria e Empório Maitê Livros Mamãe Urso Café Manana Café Maniacs Brewing Co Manifesto Café MediaLuna Café MoaCoa Café Nex House Novo Café do Teatro O Pensador Bar Oba Sebo e Livraria Onça Cerâmica Ópera Garden Café Ostra Bêbada Pão Prosa Padaria América

Pango Café & Bar Páprica Vegan Passeio Café e Arte Pátio Café Provence Boulangerie Purple Reis Rango de Planta Rituais Casa de Café Sala Café Living Santa Cruz Centro Universitário Savarin Music Sebinho FATO Agenda Sebo Kapricho Marechal Sebo Releituras Centro Sebo Releituras Portão Sebo Santos SESC Paço da Liberdade Space Cat Solar do Barão Supernova Coffee Roasters Tangerina Café Teatro Enio Carvalho Teatro Guaira Comunicação Teatro José Maria Santos Telaranha Livraria e Café Temporal Cafés Especiais Tijolo CWB Tumi Café Universidade Positivo Santos Andrade UFPR Prédio Histórico UFPR Reitoria UTFPR Bloco E Utopia Tropical Chocolates Veg e Veg Vicafé Viva la Vegan Waamo Bar FOZ DO IGUAÇU Consciência Café Europa Bar Livraria Kunda GUARAPUAVA A Página Livraria Gato Preto Discos e Livros GUARATUBA Odara Cafés Especiais LONDRINA Kings Café & Bar Londrina Nosso Sebo Olga A Livraria da Cidade MARINGÁ Kings Café & Bar Maringá The Kingdom MORRETES Meu Pé de Serra Café Solar de Morretes Hospedaria Casa 1915 Pousada PATO BRANCO Alexandria Livraria e Cafeteria PINHAIS Café com Lente Jardins Estação Curitiba Café PONTA GROSSA Cripto Cultural Phono Pub Sebo Espaço Cultural 1 Sebo Espaço Cultural 2 Verbo Livraria SÃO JOSÉ DOS PINHAIS Sebo da Visconde	<i>Pernambuco</i>
PETROLINA Café de Bule RECIFE Borsoi Café Café Celeste Casa Mendez Livraria da Praça Livraria do Jardim Livraria Pó de Estrelas Releitura GRAVATÁ Casa Mendez	<i>Piauí</i>
TERESINA Café Quatro Estações	<i>Rio de Janeiro</i>
BÚZIOS Maria Maria Café CABO FRIO Sebo do Lanati DUQUE DE CAXIAS Tecendo uma Rede de Leitura MACAÉ Sebo Cultural Livraria & Cafeteria NITERÓI Livraria Ponte NOVA FRIBURGO Dona Emilia Books Jenipapo Livraria NOVA IGUAÇU Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz PARATY Livraria das Marés Livraria Muvuca Mar de Leitores RIO DE JANEIRO Biblioteca Marginow Blooks Livraria Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria	

Casa Marx Jacaré Livros Livraria Alento Livraria Berinjela Livraria Ceci Livraria e Edições Folha Seca Livraria Prefácio Manga Rosa Café Marofa Bar Patas Café Pequeno Lab Solar dos Abacaxis Triuno Livraria	<i>Rio Grande do Norte</i>
TRÊS RIOS Livraria Favorita VOLTA REDONDA Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping Livraria Flamingo	<i>Rio Grande do Sul</i>
NATAL Sebo Cata Livros Sebo Rio Branco PARNAMIRIM Kave Casa Literária	<i>Rio Grande do Sul</i>
BENTO GONÇALVES Dom Quixote Livraria e Cafeteria Paparazzi Livraria CANELA Empório Canela CANOAS Pandorga Livros CAPÃO DA CANOA Livraria Praiamar CAXIAS DO SUL Do Arco da Velha Livraria & Café ERECIM Agridoce Livraria e Sebo GRAMADO Mania de Ler Bookstore PORTO ALEGRE Brasa Editora Livraria e Bar Café & Galeria Devora CirKula Editora, Livraria e Café Livraria Clareira Livraria Paralelo 30 Macun Livraria e Café Nerdz Rede Beabah Sebo Fulô Sonda Pop Store Ventura Livros Via Sapiens Livraria & Editora Zine Bar & Livraria SANTA MARIA Livraria e Grife UFSM SANTANA DO LIVRAMENTO Ponto do Livro SÃO FRANCISCO DO SUL Miragem Livraria	
<i>Rondônia</i>	
CACOAL Nostalgia Sebo e Livraria PORTO VELHO Sebo Entrelinhas	<i>Roraima</i>
BOA VISTA Cafeteria Barracão do Poeta Flying Fox Café	
<i>Santa Catarina</i>	
BALNEÁRIO CAMBORIÚ Acaiaí Café ArtHouse BC Cápsula Livraria BLUMENAU Rocinante Sebo CAÇADOR Livraria Selva Literária CHAPECÓ Humana Sebo & Livraria CRICIÚMA Sebo Alternativo FLORIANÓPOLIS O Barbeiro e O Poeta Sebo Ivete JOINVILLE Ambiente Arejado Casa 97 Koda Café Bistrô Salvador Vegan Café, Livros e Discos LAGES Livraria Sebo Marechal LAGUNA Livraria Coruja Buraqueira PORTO UNIÃO Porto Presentes Papelaria SÃO BENTO DO SUL Dom Quixote Livros TUBARÃO Consulato Livraria VALINHOS Livraria Armazém	
<i>São Paulo</i>	
ARARAQUARA Livraria Murad Sebo BOTUCATU Sebo Alfarrábio	



VERSÃO ABRIL 2026

5 PAÍSES
124 CIDADES
392 PONTOS

CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulvivos
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUVEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão

Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distrito
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
Sissi Café Boutique
sobinfluença
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

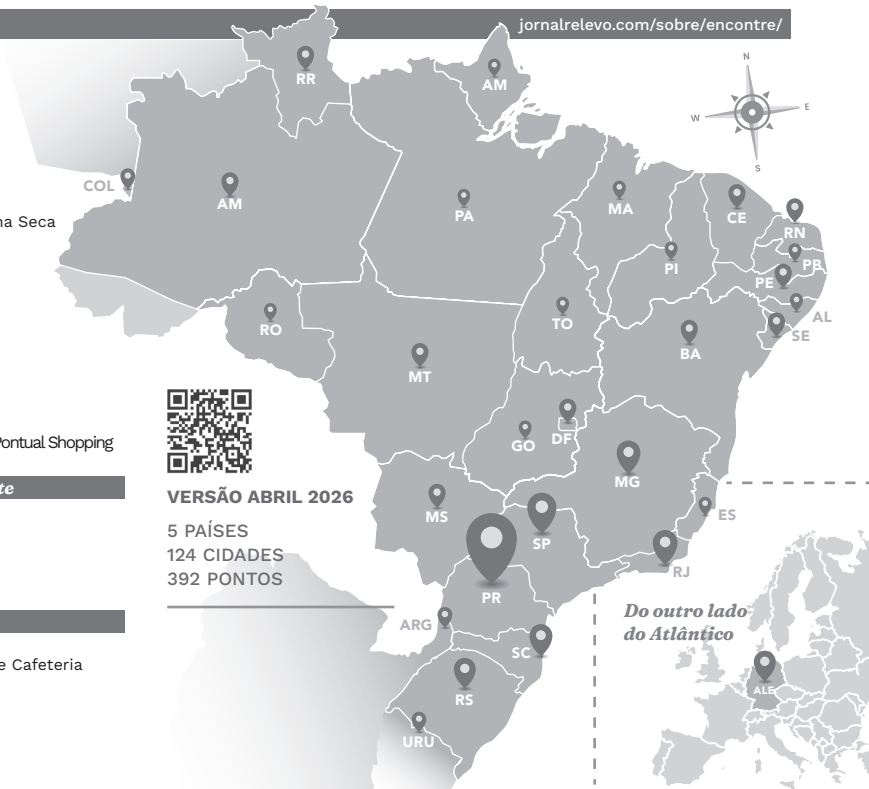
Serqipe
ARACAJU Livraria Escariz
Tocantins
PALMAS Sebo da Vovó

Além das fronteiras
ESSEN (ALEMANHA) Pension Pötters PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA) Tao Librería de Iguazú LETICIA (COLOMBIA) CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural RIVERA (URUGUAI) Eclipsamor Livros



Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco:

contato@jornalrelevo.com



Briga de bar

Rafael Covre

Sexta-feira e a Lua no céu

A juventude reunida no bar

Testosterona, idiotice e paspalhos

Perfumes femininos no ar

Olhos se cruzam, a tensão aumentando

Tretas esquecidas voltam a rondar

Todos percebem, mas ninguém se levanta

Ninguém se levanta até a hora chegar

Mais um corpo caído na rua

Outra briga de bar!

Mais um corpo caído na rua

Outra briga de bar!

